

ENTREVISTA PEDRO DEMO

Marcos Silvio Pinheiro

*Pedro Demo



Lêda Gonçalves

Prof. Pedro Demo é PhD em Sociologia pela Universidade de Saarbrücken, Alemanha (1967-71), é pós-doutorado pela University of Califórnia at Los Angeles (UCLA0,1999-2000). Atualmente, Professor Titular da UNB, Departamento de Sociologia (Mestrado e Doutorado em Sociologia). Áreas de atuação: Política Social e Metodologia Científica. Defensor da educação reconstrutiva, Pedro Demo coloca a Pedagogia como o curso mais importante da Universidade, “cabe a ela fazer as transformações que a Universidade necessita”. Critica a aula tradicional, principalmente, a expositiva. Para ele, não há aprendizagem em assistir às aulas, tomar notas e ser avaliado no final do semestre, “para que aconteça a aprendizagem é necessário, pesquisar, elaborar, produzir textos.” Aponta como maior desafio atual, o processo de aprendizagem em um espaço virtual e encerra discorrendo sobre a Educação do Futuro. A entrevista contou com a colaboração da Prof. Lêda Gonçalves de Freitas, do Centro Católica Virtual e do Curso de Pedagogia e foi realizada no escritório do Prof. Demo, na UNB.

DIALOGOS – Como a Universidade poderia contribuir para a aprendizagem da sociedade, na perspectiva da visão que se tem hoje: o discurso de uma aprendizagem para a vida toda?

PEDRO DEMO – Primeiro, há que se trazer todos esses problemas para a Faculdade de Pedagogia. Ela tem que perceber o quanto está no “mundo da lua”, ou seja, completamente distanciada das necessidades da sociedade. Por exemplo, a questão da leitura: o que a gente quer que o aluno leia, agora? Se você verificar o que o aluno lê na escola, verá que ele não vai ler nunca mais. As cartilhas são textos para ninguém, para o nada.

Daqui 15 anos, toda essa criançada estará trabalhando com computador. Onde está o computador na escola? A maioria dos cursos de Pedagogia não sabe o que é computador. O professor não sabe lidar com ele, não conhece a nova linguagem virtual. A Faculdade tem que cair em si e perceber que ela está “fora do mapa”, que está formando professor para trabalhar na Idade Média. É para ajudar que a criançada enfrente a sociedade com as competências adequadas. Não estou dizendo que enfrente somente o mercado, creio que o primeiro compromisso nosso é com a cidadania. Uma cidadania que saiba pensar, que conheça as novas tecnologias, inclusive para poder humanizá-las.

Quanto à Educação a Distância, o problema é esse: os meios são meios, mas a Pedagogia não aparece. O pedagogo não tem como disputar com o informadeiro,

*Pedro Demo é autor de mais de 60 obras, algumas mais recentes:

Metodologia de Investigação em Educação. Editora IBPEX, Curitiba, 2005.

Auto-ajuda – uma sociologia de ingenuidade como condição humana. Vozes, Petrópolis, 2005.

A Educação do Futuro e Futuro da Educação. Autores associados, Campinas, 2005.

Ética Multiculturais – sobre a convivência humana possível. Vozes, Petrópolis, 2005.

Professor do Futuro e Reconstrução do Conhecimento. Vozes, Petrópolis, 2004.

Ser Professor é cuidar que o Aluno aprenda. Mediação, Porto alegre, 2004.

que o engole em dois minutos de conversa.

DIALOGOS – Tanto é, que todos eles estão na área de Educação a Distância e o pedagogo, não.

PEDRO DEMO – Exatamente, falta o pedagogo. A Educação a Distância veio para ficar. Ela tem suas vantagens, tem seus problemas que merecem críticas, conforme dizem os “azedos”: Educação a Distância é só distância. Estamos no início, breve esses problemas serão superados. Hoje, já não falamos mais em cursos presenciais e não-presenciais; falamos em presença física e presença virtual. O estudante pode estar longe e presente. O jovem sabe disso, nós é que não sabemos. Dou um exemplo: eu sou do tempo que estudar em grupo significava procurar pessoas, telefonar para os colegas, arrumar um local para as reuniões, escolher um coordenador, marcar os horários de encontros, etc. Hoje, a turma não sai de casa e estuda em grupo. Você acha que eles se consideram ausentes? Estão completamente presentes. A pergunta é: a Pedagogia sabe disso? Não. A Pedagogia é o curso mais importante da Universidade, cabe a ela trazer a sociedade para dentro da Universidade.

A Pedagogia tem que descobrir que ela não está formando o professor adequado. O professor que ela inventa não sabe alfabetizar - 20% das crianças que estão na 4ª série não sabe quase nada da Língua Portuguesa e no nordeste o percentual sobe para 30%. Como é possível uma criança ficar 4 anos na escola e não saber nada? É claro que muitos problemas vêm de fora: a pobreza, o neoliberalismo, o salário dos professores, a roubalheira, as políticas educacionais; mas se a criança tem 200 dias de aula, já está na 4ª série e não sabe nada, aí, há problemas com nossos professores e suas aulas. A primeira coisa necessária é abalar o Curso de Pedagogia.

DIALOGOS – Como o senhor veria, hoje, um curso de Pedagogia que desse conta dessa demanda?

PEDRO DEMO – Primeiro, teria que ser um curso de no mínimo 4 anos ou de preferência de 5. Hoje, existe curso de Pedagogia de 2, 3 anos. Ninguém teria coragem

de passar o curso de Medicina de 6 para 2 anos, mas Pedagogia pode. Se não pode fazer isso com a Medicina, muito menos com a Pedagogia. O pedagogo é muito mais importante que o médico. O ideal seria um curso de 5 anos para dar conta dessa imensa gama de aprendizagem que está no campus, para dar conta das novas tecnologias, para dar conta de todas fundamentações teóricas, para dar conta das atividades interdisciplinares, para dar conta dos conflitos geracionais que cada vez se tornam mais graves. A nova geração não vai ser como a nossa. Antigamente, a nova geração era como a anterior, hoje já não é mais assim. Eu tenho um neto de 11 meses. O que ele vai ser quando tiver 15 anos? Não posso dizer nada, eu não sei como vai ser. Como deveríamos preparar

essa criança para que ela tenha uma boa chance, quando chegar aos 15 anos? A Pedagogia, que está aí, não vai resolver isso. A universidade inteira precisa mudar, mas estou citando a Pedagogia porque estou apostando nela.

DIALOGOS – Mas como a Extensão, na perspectiva da cidadania, contribuiria para a aprendizagem da sociedade?

PEDRO DEMO – Não é propriamente a Extensão que vai mudar isso, primeiro é preciso arrumar o curso de Pedagogia. É necessário que a Extensão esteja dentro da instituição, dentro dos departamentos, participando também do processo formativo dos professores e dos alunos. Ela não pode ser uma iniciativa de fora. A universidade deve fazer uma cidadania inspirada no conhecimento. Existem outras cidadanias; os sindicatos, por exemplo, mas é diferente. Não sou contra ir à favela, mas nosso problema não é a favela e sim o conhecimento. Não faz mal cuidar dela, desde que lá, gere conhecimento. Se for para fazer o que a Secretaria de Assistência Social faz, estará duplicando.

Por outro lado, a Extensão exerce este papel importante: trazer a universidade para o chão. Colocar a sociedade dentro da universidade, melhorar a questão das práticas, melhorar os estágios, trazendo vida para o campus.

“ A maioria dos cursos de Pedagogia não sabe o que é computador. O professor não sabe lidar com ele, não conhece a nova linguagem virtual. ”

Há que se arrumar o professor de Pedagogia para que ele entenda de aprendizagem. O que a Pedagogia ensina hoje - como se faz uma prova, como avalia, como dar aula. Tudo coisa medieval.

Para aprender é necessário pesquisar. O pedagogo precisa ser um bom pesquisador, um bom elaborador. Veja o grande buraco: a grande maioria de nossos professores do ensino básico não possui texto próprio. Como o aluno vai ter texto próprio se o professor não tem? O professor de Língua Portuguesa não sabe fazer um texto de Português, o de Matemática, também.

DIALOGOS – Uma aluna de escola pública de Taguatinga-DF veio me queixar que a professora de Língua Portuguesa dizia a seus alunos que não gostava de ler.

PEDRO DEMO – Voltemos atrás. Quem inventou esses professores? Nós, a universidade. A Extensão é que não vai mudar isso; se há um erro, não está na Extensão e sim na própria montagem do curso de Pedagogia, no espírito formativo, na questão da aprendizagem. Não aprendemos bem e vamos para rua fazer os outros aprenderem mal.

Apenas para desanuviar: minha filha tem uma empregada doméstica que é normalista, mas despreparada. Eu chamo meu neto de príncipe e ela o chama de princeso. Uma das coisas mais tristes, neste país, é o resultado dos testes da Saeb. Quando você pega os testes dos alunos e aplica aos professores, os resultados são similares.

DIALOGOS – Essas questões não estão sendo discutidas na universidade para que se possa encontrar soluções?

PEDRO DEMO – Enquanto isso, na universidade, os professores continuam fazendo seus currículos, dando suas aulinhas. Acho que tem que haver uma mudança drástica. De modo geral, nós estamos atrapalhando os alunos. Eles não gostam da escola, gostam de computador, pois, percebem que a escola só trata de coisas passadas. É claro que não vamos restringir tudo ao utilitarismo imediato: só faço na escola aquilo que é importante;

cálculo diferencial não me interessa. Interessa sim, mas a escola precisa dar conta da vida.

Há uma pesquisa interessante do – Índice Nacional de Alfabetismo Pessoal – Inap - muito pouco conhecida, o que é uma pena. Eles avaliam o letramento, ou seja, como é que a pessoa em sua vida normal se utiliza do ler e do contar. Os resultados são surpreendentes:

- Somente 25% da população adulta brasileira lê corretamente e

- Somente 20% da população adulta brasileira consegue trabalhar com a Matemática.

Isso tem que vir para dentro da Universidade, ela tem que ser abalada por estar fora do esquadro. A

Universidade literalmente prepara as pessoas para trabalhar em gabinetes, sobretudo, estes cursos noturnos com um monte de aulas. Há um equívoco total, é preciso rever tudo isso.

O problema da Educação a Distância está na Pedagogia; como ela não funciona, os meios vão embora. Os meios agem por si,

fazem qualquer coisa, enfeitam aula, etc. Por exemplo: o Curso Supletivo dos Ensinos Fundamental e Médio que a Globo coloca na madrugada - aquela aula continua cada vez mais bonitinha, mas sempre ordinária. O aluno não aprende escutando. Se o estudante quiser aprender, deve comprar o material da Globo, entrar em contato com um professor para orientá-lo, ler, estudar e pesquisar.

DIALOGOS – Aí vem o papel do professor que, mesmo à distância, orienta o aluno.

PEDRO DEMO – A distância não substitui o professor, ele é absolutamente importante. Agora existe a presença virtual, o que não significa abandonar o professor, o qual passa a exercer outra função: estar presente de outra maneira, orientando à distância, sem presença física. Tenho absoluta certeza de que vamos de corpo aberto para a Educação a Distância. Podem até chamar de outros nomes mais bonitos como aprendizagem virtual, mas ela vai dominar. Isso não significa que deva ficar sozinha; a presença física é importante também, mas a virtual vai dominar. Não tem nem porque o aluno vir todos os dias

“Hoje, já não falamos mais em cursos presenciais e não-presenciais; falamos em presença física e presença virtual.”

à universidade para ouvir “lorotas” de professor. Este não acrescenta nada muito importante, não muda a vida do aluno. O que muda a vida do estudante é saber pensar, saber pesquisar, saber elaborar e dominar também o conteúdo. Como os conteúdos envelhecem, rapidamente,

“ *A universidade inteira precisa mudar, mas estou citando a Pedagogia porque estou apostando nela.* ”

você tem que saber mudá-los, reconstituí-los.

No fundo, as competências propedêuticas são as mais decisivas. Para que se entenda, vejamos exemplo dos médicos. Os médicos de ponta estudam todos os anos, saem todos os anos, fecham seus escritórios, viajam, participam de seminários. Vão em busca de novos saberes; o engenheiro também. E o pedagogo?

Há uma história contada por aí que diz o seguinte: se pegarmos um médico do final do séc. XIX e trazê-lo para os dias atuais, ele cai duro pois tudo mudou; ele seria incapaz de exercer a sua profissão. Agora, se trouxermos um professor que se encontra em casa. Nada mudou, a aula é a mesma, a conversa é a mesma. Aí está uma coisa que me atormenta: o professor não muda. A Pedagogia fala o tempo todo em transformação social, nunca vi esta linda senhora por lá. Esse é um produto do mundo todo. É difícil convencer um professor que a aula dele está atrapalhando o aluno. Ele dirá que é o aluno que atrapalha a sua aula, é o neoliberalismo; o que é verdade, mas ele não cai em si.

DIALOGOS – O neoliberalismo e muitas outras coisas: a história do país, a formação dos professores, os salários, o ambiente de trabalho, o corporativismo, etc.

PEDRO DEMO – É tudo isso. Hoje, para mudar a educação é preciso de um abalo sísmico.

DIALOGOS – Qual seria este Tsunami?

PEDRO DEMO – Escrevi um texto “História e Barbárie- Educação Superior no Século XXI”. Nele há uma tese importante que pesquisamos: mudaram a

mudança. A qual não é mais como era, isto é, mais ou menos controlada, planejada. Hoje não, as mudanças são complexas. A universidade tem pavor de entrar num processo de mudança sob a qual ela não tem controle. A universidade não quer perder esse controle, ela é disciplinada. Como você vai colocar em questão o doutorado, o mestrado, a graduação? Nada é mais igual a uma igreja medieval do que a universidade.

DIALOGOS – O advento do virtual não mexeu com a universidade? Ela não se encontra num processo de mudanças?

PEDRO DEMO – Mas essa mudança vem de fora, isso é uma história constante na humanidade. As novas tecnologias sempre vêm de fora. Acho que a universidade tem que ter cabeça para fazer de dentro, não tangida de fora, empurrada de fora. É evidente que a aprendizagem virtual jogará muita coisa no lixo.

DIALOGOS – Na UCB, temos a experiência da busca, por boa parte dos alunos, pelas disciplinas oferecidas à distância. Ninguém agüenta mais esta obrigação de assistir às aulas todos os dias. A Pedagogia tenta implementar, junto aos professores de outras áreas, a orientação à distância. Quem não dá conta de fazer à distância e, são muitos, também não dá conta do presencial. Uma coisa não é diferente da outra.

PEDRO DEMO – Claro que não. Tem que se saber gerir isso. Para o jovem, o mundo virtual é natural, para nós é muito estranho. Para ele é absolutamente normal ficar conversando ao computador. Outro dia fui, como conferencista, ao Núcleo Bandeirante-DF. Uma professora

“ *Nada mudou, a aula é a mesma, conversa é a mesma. Aí está uma coisa que me atormenta: o professor não muda.* ”

me perguntou se eu concordava com o procedimento do irmão dela que ficava 24 horas ligado à internet e que ele estava fora da realidade. Eu perguntei quem estava mais fora da realidade, ele que fica 24 horas diante da internet

ou ela que não se liga à internet? Ela ficou indignada. A vida que você acha que é boa é a sua, que já passou. A pessoa ficar 24 horas na internet é um absurdo, mas o que você fará sem internet daqui 5 anos? Os dois estão no “mundo da lua”, mas a professora está muito mais. Quer frear uma coisa que a tecnologia não vai permitir. É a mesma coisa de proibir o seu filho de assistir à televisão. Ele pode não assistir em sua casa, mas assistirá em outro local. É muito melhor educar a criança para ver televisão, usar a internet, do que proibir.

DIALOGOS – O Senhor vê problema de recepção na Educação a Distância?

PEDRO DEMO – O problema está nos meios. A tecnologia avança e muda a todo momento. Veja o celular. Como será o celular daqui a 5 anos? Ninguém sabe.

DIALOGOS – O Senhor disse que o computador é sintático e não semântico. Por favor, explique isso.

PEDRO DEMO – Ele é sintático porque tem uma linguagem sequencial. O

semântico é ao nível da interpretação, não linear. Por exemplo: no nível semântico interpreta-se uma ausência como presença, o silêncio como gritaria. No sintático não, ausência é ausência, presença é presença. Não se aprende uma língua somente por intermédio da sintaxe. Pode-se decorar todos os vocábulos do inglês e não aprender o idioma. Para saber inglês é preciso ler nas entrelinhas, utilizar do nível semântico. O computador, até hoje, permanece no nível sintático. Já quem fica escutando aula a vida toda, sai de lá como entrou.

DIALOGOS – O Senhor é autor de um texto muito interessante que fala da reconstrução do conhecimento, sob a visão de várias teorias. Achei muito importante porque ninguém, na universidade, está pensando com esta complexidade que o senhor desenvolve.

PEDRO DEMO – O texto “Educação e desenvolvimento do conhecimento” trata-se da burocracia da sala de aula. A universidade é um monte de salas de aula, um monte de aulas, espaços e mais espaços. Ela tem que ser o

lugar onde as pessoas vão aprender. Alguns, já a chama de Comunidade Profissional de Aprendizagem. Não vai lá para ouvir professor, vai para produzir conhecimento junto com quem já sabe fazer melhor do que ele. Aí está o lado bonito do PIBI, que é um projeto pequenino que a gente desenvolve na UNB. Poucos alunos fazem, mas os que participam são os melhores, aproveitam melhor a Universidade e aprendem a pensar. Sem dúvida, serão os nossos sucessores.

Na Alemanha, todas as ações da universidade se voltam para a pesquisa. A sociedade espera que ela produza o conhecimento mais avançado possível. Isso é que vai ser útil à sociedade. O que é o engenheiro para eles? É uma pessoa que a universidade prepara para dar conta dos

problemas que ele não tem idéia.

Os problemas os quais ele tem idéia, não é mais assunto para a universidade. Essa imprecisão, essa abertura para novas coisas, isso é formar. O repetitivo, o conhecido são coisas para computador. Não há necessidade de ambiente de aula. O estudante de Sociologia faz 3 a 4 trabalhos por semestre e em 4 anos ele se

torna sociólogo. No Brasil, há uma preocupação excessiva com conteúdo. Tem que se preparar para dar conta de qualquer conteúdo, porque todos eles morrem.

DIALOGOS – O Senhor acaba de lançar um livro sobre a Educação do Futuro. Fale sobre ele. Mesmo nesta perspectiva de educação medieval, da qual o Sr. fala, como estamos indo para o futuro?

PEDRO DEMO – Acho que educação é um fator estratégico, a esperança de qualquer futuro. Não se programa o futuro de uma sociedade sem contar com a educação. A aprendizagem e o conhecimento são fundamentais. O profissional mais próximo disso é o pedagogo, por isso a valorização do Curso de Pedagogia. Hoje, ele está uma “zorra total”, tudo que é malfeito chama-se pedagogia. É preciso que se crie uma Ordem dos Pedagogos do Brasil, como a OAB, para cuidar do que é seu. Que não seja a “casa da mãe-joana”, onde qualquer picareta que quer ganhar dinheiro com ensino superior, inventa uma Faculdade de Pedagogia, para oferecer o nada.

“Acho que educação é um fator estratégico, a esperança de qualquer futuro. Não se programa o futuro de uma sociedade sem contar com a educação.”

Temos que valorizar a Pedagogia. Inventar bons pedagogos seria algo fundamental para o futuro de nossa sociedade. Bons profissionais da aprendizagem, bons profissionais do conhecimento, gente que cuida que as pessoas aprendam a vida toda.

Temos que diversificar muito as especializações da Pedagogia. Não mais supervisão disso, daquilo, que é baboseira. Temos que criar o pedagogo para idosos, porque estes serão o segmento mais pesado da sociedade. Os velhos vão querer aprender sempre mais: aquele que é engenheiro, mas cansou disso e deseja fazer um curso de Arte; aquele que quer fazer o curso de Direito, direitinho, nada simplificado. Então veja a demanda, gente com grande experiência de vida, com uma grande disposição para a aprendizagem. Dar aulas para estas pessoas? Claro que não. A função do pedagogo é a de orientador, de criador de ambiente para o idoso poder expressar, poder elaborar seus trabalhos.

Criar um pedagogo que cuide do mundo do trabalho, do mundo profissional. Como é que os trabalhadores continuam aprendendo a estudar. Isso vai ser fatal, qualquer empresa vai colocar seus servidores para estudar. Se o pedagogo não aparecer, vai ficar como a “qualidade total”: o engenheiro, o economista, o sociólogo, o psicólogo estarão lá.

A Educação de Jovens e Adultos é muito importante, mas espero que ela acabe. Porque um dia, neste país, precisamos chegar a um ponto de não mais precisar da EJA: como eles estão fazendo hoje para recuperar o que perderam no Ensino Fundamental. Temos que conseguir que todos cheguem à 8ª série, que todos terminem o Ensino Médio, para não ter que refazer o que não fizeram. Será outra coisa, será educação permanente.

O educador de formação é outra especialidade importante. Vai cuidar de seminários, cursos constantes. Não pode ficar somente em seminário; está provado que quem faz seminário não aprende nada. O MEC possui pesquisas que demonstram que o aluno, que estuda com o professor que tem apenas a graduação, é muito limitado. E se este professor faz pós-graduação, o aluno já melhora muito. Mostra também que não há diferença entre o aluno que estuda com o professor que faz semana pedagógica ou não. A semana pedagógica não funciona. Professor vai lá e assiste à palestra, volta para sala e

continua dando a mesma aula.

Temos que mudar as coisas, o professor não estuda. Quem não estuda não tem aula para dar. Não adianta escutar uma conferência e repetir em sala de aula o que o conferencista disse. Isso não é professor, é papagaio. O professor precisa estudar; é diferente quando ele vai para uma pós-graduação, mesmo que seja Lato-sensu. Ele tem que pesquisar, estudar, elaborar uma monografia. Aí muda, mas ir lá, escutar um conferencista, mesmo que seja o mais brilhante, tem-se informação, mas isso não é aprendizagem. Para que aconteça a aprendizagem é necessário pesquisar, elaborar, produzir textos. É claro que é interessante ouvir um palestrante, mas não se pode esperar que isso mude o professor. Para mudar a sala de aula é necessário virar o professor pelo avesso. Há que se estudar o semestre todo, o ano todo. No meu livro “O Professor do Futuro e a Reconstrução do Conhecimento”, eu desenho um curso que é ministrado no início do ano. O professor fica 6 dias conosco: não há aulas, ele pesquisa, elabora e é avaliado todos os dias. Durante o semestre, existe um acompanhamento do grupo para que ele continue estudando. Professor que não estuda, nunca foi professor. Qualquer um dá aula, cuidar que o aluno aprenda, isso é ser pedagogo.

DIALOGOS – Nós temos a necessidade, como país que somos, de produzir a nossa própria educação, de acordo com a nossa formação histórica. A nossa academia é muito eurocêntrica.

PEDRO DEMO – Sim. Eurocêntrica, muito dependente, limitada e repetidora.

DIALOGOS – Até os problemas de lá são elaborados dentro de um contexto estranho ao nosso e, mesmo assim, são aplicados aqui. Temos que formular as nossas teorias a partir de nossas questões.

PEDRO DEMO – A minha expectativa é que a universidade volte a ser uma grande referência para a sociedade, mas para isso é preciso produzir conhecimento. A universidade tem que ser um farol para a sociedade, em termos daquilo que é fundamental para decidir o futuro, que é produzir conhecimento. Quem não produz conhecimento fica requeitando o que os outros disseram. O lado pejorativo da aula é que o professor repete o que o outro disse. Não há criatividade, não há autonomia, não há produção.